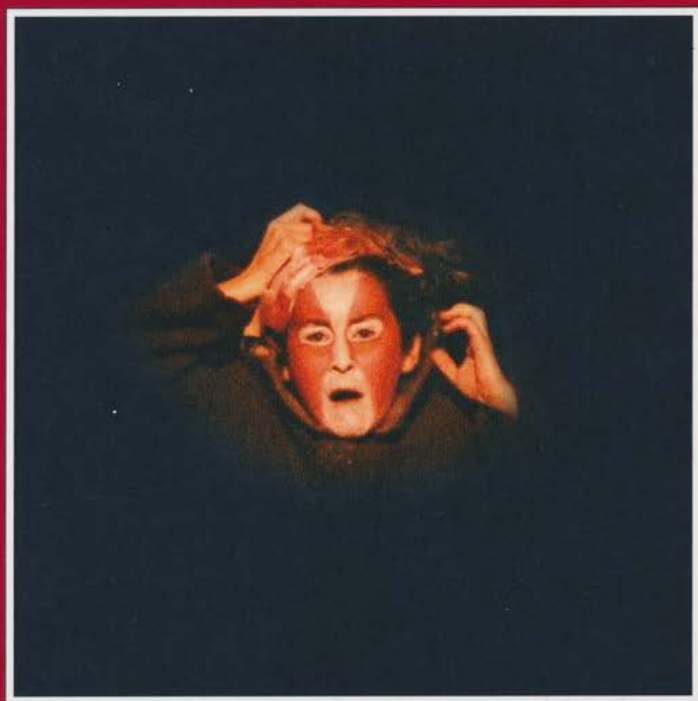


Miguel Falcão

ESPELHO DE VER POR DENTRO

O PERCURSO TEATRAL DE ALVES REDOL



temas portugueses

Título: Espelho de Ver por Dentro
O Percorso Teatral de Alves Redol

Autor: Miguel Falcão

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: DED/INCM

Capa: Cucha Carvalheiro como Sr. Destino,
em *O Destino Morreu de Repente*, 1988
(cortesia da Comuna — Teatro de Pesquisa)

Revisão do texto: Paula Lobo

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Maio de 2009

ISBN: 978-972-27-1621-5

Depósito legal: 289 835/09

Miguel Falcão

ESPELHO DE VER POR DENTRO

O PERCURSO TEATRAL DE ALVES REDOL

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2009

Miguel Falcão

ESPELHO DE VER POR DENTRO

O PERCURSO TEATRAL DE ALVES REIDOL

Edição: Espelho de Ver por Dentro

Impressão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Ano: 1998

Y. 1. Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Impressão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Impressão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Impressão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Impressão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Impressão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Edição realizada no âmbito do protocolo
entre o Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa
e a Imprensa Nacional-Casa da Moeda

IMPRESSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2008

BREVE NOTA PREFACIAL

Um estudo como este, que aqui se publica, faz convergir de maneira feliz três importantes vectores — e valores — culturais: uma notável capacidade de pesquisa documental, preocupação analítica e consistência argumentativa do seu autor; a criação de um sólido contexto universitário — ao nível da pós-graduação — no qual, com um crescente rigor e competência, se vem desenvolvendo o campo de investigação dos Estudos de Teatro (com especial relevo para a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa); e a preciosa disponibilidade com que o Dr. Braz Teixeira, enquanto Administrador da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, foi animando publicações no domínio do teatro português e do impreterível estudo que ele reclama.

Esta convergência produtiva foi ainda potenciada pelo facto de este estudo vir colmatar uma lacuna que teimosamente persistia na bibliografia — já considerável e importante — que se tem vindo a publicar sobre o Neo-Realismo, em geral, e sobre Alves Redol, em particular. De facto, declarando o carácter algo irrelevante ou, no mínimo, marginal da produção dramaturgica dos autores referidos a esse movimento estético, a bibliografia existente pouco investigava, e menos ainda problematizava, o que poderia estar implícito nessa produção e de que forma ela poderia servir para se interrogarem aspectos importantes da criação artística e da relação que ela se propunha estabelecer com um público preferencial. É certo que no campo da História do Teatro em Portugal — com Luciana Stegagno Picchio, Luiz Francisco Rebello, Duarte Ivo Cruz ou José Oliveira Barata — o nome de Redol era apontado como dramaturgo, referido às suas quatro peças publicadas — Maria Emília, Forja, O Destino Morreu de Repen-

Notas prévias

O recurso a uma significativa heterogeneidade de fontes documentais exigiu um tratamento diversificado dos materiais, quer na sua análise, quer no seu uso em citações feitas ao longo deste trabalho.

Assim, de modo a evitar a leitura confusa que poderia decorrer de uma uniformizada remissão para uma lista bibliográfica final, optei por distinguir os modos de referenciar os principais tipos de documentos:

- i) Os periódicos surgem com as referências completas ao longo do texto (no caso se serem *de* ou *sobre* «Redol em Teatro» ressurgem, porém, na bibliografia final);
- ii) Os textos publicados em livro têm dois destinos possíveis: se integram volumes que estudam ou se referem ao teatro de Alves Redol, são remetidos para a lista final através da indicação convencional (nome do autor, ano e número de página), e, no caso de não se integram nessa bibliografia específica de Alves Redol, são remetidos para nota infrapaginal com indicação completa;
- iii) As entrevistas não publicadas, realizadas no decurso da investigação, são sinalizadas através de uma sigla, composta pela abreviatura «Ent» (entrevista) e as iniciais do nome do entrevistado (como «EntASS», correspondente a Arquimedes da Silva Santos).

A lista bibliográfica final é selectiva (sobretudo no que diz respeito a textos publicados em periódicos), mas é também temática, reportando-se exclusivamente à ligação de Redol ao teatro. A especi-

ficidade do objecto de estudo encontra, assim, correspondência numa especificidade bibliográfica, concentrada e sistematizada, evitando a repetição de referências — sobre Alves Redol, o Neo-Realismo português ou o teatro em Portugal no século XX — que outras obras, muitas das quais aqui mencionadas, já sinalizaram.

PTM — *Porto de Todo o Mundo*
RM — *Ronda do Mar*
XF — *Xavier Fernandes*

Periódicos ²

ACÇ — *Acção*
AU — *Autores*
BR — *Brotéria*
CA — *A Capital*
DI — *O Diário*
DL — *Diário de Lisboa*
DP — *Diário Popular*
DS — *Democracia do Sul*
FI — *Filmagem*
FL — *Flama*
GC — *Gazeta de Coimbra*
GL — *Gládio*
GM — *Gazeta Musical e de Todas as Artes*
GOAL — GOAL — *Semanário Ribatejano de Desporto, Literatura e Arte*
IT — *Itinerário*
JL — JL — *Jornal de Letras, Artes e Ideias*
JLA — *Jornal de Letras e Artes*
JN — *Jornal de Notícias*
ML — *Mundo Literário*
MR — *Mensageiro do Ribatejo*
NI — *Notícias Ilustrado*
OD — *O Diabo*
OE — *O Expresso*
OG — *O Globo*
OPJ — *O Primeiro de Janeiro*
OR — *O Ribatejo*

² As referências — muito frequentes nalguns capítulos — de jornais e revistas (e, em dois casos, de gravações radiofónicas) são indicadas por intermédio de siglas.

- OS — *O Século*
- OSI — *O Século Ilustrado*
- PL — *Plateia*
- PR — *Presença*
- RCP — Rádio Clube Português
- RE — *República*
- RF — Radiodiffusion Française
- RP — *Revista de Portugal*
- SN — *Seara Nova*
- SO — *Sol*
- SON — *Sol Nascente*
- VE — *Vértice*
- VMI — *Vida Mundial Ilustrada*
- VR — *Vida Ribatejana*

Entrevistas ³

- EntASS — Arquimedes da Silva Santos
- EntCD — Carmen Dolores
- EntCOM — Carlos Paulo e Cucha Carvalheiro
(entrevista conjunta sobre a produção da Comuna —
Teatro de Pesquisa)
- EntJL — Jorge Listopad
- EntJM — João Mota
- EntLFR — Luiz Francisco Rebello
- EntMB — Maria Barroso
- EntMJ — Maria José
- EntSOIR — Isabel Bilou, João Bilou e Maria Rosmaninho
(entrevista conjunta sobre a produção da Sociedade Ope-
rária de Instrução e Recreio Joaquim António d'Aguiar)
- EntUTR — Urbano Tavares Rodrigues

³ Esta lista inclui somente as entrevistas, não publicadas, realizadas no decurso desta investigação e devidamente referenciadas na bibliografia seleccionada.

INTRODUÇÃO

[O] Realismo [...] não é chapa fotográfica, como entendia Lafargue, nem um espelho fiel, como parafraseava o nosso Eça. Em arte não há espelhos fiéis. Talvez espelhos que se movam sempre e mudem de forma, conforme as pessoas que neles se debruçarem. Côncavos para uns, no mesmo momento em que são convexos para outros. Espelhos, portanto, que os homens fazem e nos quais sempre ficarão deformados, mesmo quando se julgarem rigorosamente reproduzidos. Mais espelhos de água, onde a vida está sempre a atirar pedras, para que a limpidez raramente seja de charco. Só se deixarão enganar os que usarem um pequeno espelho de algibeira.

O teatro é que deverá tornar-se num *espelho de ver por dentro*, espelho de consciência, uma espécie de escafandro capaz de permitir o mergulhar-se e descobrir quanto fica para além da própria superfície que reflecte a imagem, tanto ainda como o que está dentro da imagem.

ALVES REDOL (1967a: 20).

Várias vezes fui confrontado com a curiosidade — nalguns casos uma quase perplexidade — de colegas e amigos sobre o meu interesse por este tema. As questões mais persistentes po-

dem resumir-se em duas perguntas: porquê este dramaturgo, ligado a um movimento estético e literário que alguns consideram não apenas «datado», mas também conotado com uma filiação partidária, o que poderia comprometer uma exigência meramente artística? E porquê esta faceta da sua obra, de que se conhecem, em geral, somente quatro textos dramáticos publicados em livro, quando, mesmo no seio do movimento neo-realista português, é possível encontrar outras dramaturgias, mais volumosas e cenicamente mais experimentadas?

A verdade é que a oportunidade — rara e feliz — de acesso ao espólio de Alves Redol dava-me a possibilidade de compulsar e dar a conhecer documentação útil para melhor avaliar o percurso e as motivações do autor enquanto dramaturgo. Por outro lado, um mais fundo conhecimento dessa faceta da sua obra também permitiria perspectivar de forma mais rigorosa aspectos menos estudados do próprio movimento neo-realista português, de que foi um dos precursores, talvez um dos mais lidos, mas também dos mais vigiados e compulsivamente afastados da cena portuguesa pela Censura.

A pesquisa, que pude desenvolver em arquivos documentais relativos a alguns dos organismos do Estado Novo, confirmou-me a pertinência da minha escolha e o interesse que adviria de um conhecimento mais aprofundado dos materiais a trabalhar. Neste âmbito, refiro, em especial, três arquivos depositados na Torre do Tombo: o Arquivo da PIDE/DGS, em que foi possível encontrar vários processos referentes à participação de Redol em actividades consideradas «suspeitas» ou «perniciosas», entre as quais foram incluídas as suas colaborações em iniciativas culturais e artísticas; o Arquivo da Direcção dos Serviços de Censura, que integra os relatórios de apreciação de várias das suas obras, antes ou depois de publicadas, determinando a sua «autorização» ou «proibição», entre as quais figura a peça *Forja*; e o Arquivo da Inspecção-Geral dos Espectáculos, do qual constam os processos relativos a pedidos de representação de peças de Redol (já anteriormente apreciados pela Comissão de Censura), dirigidos a esse organismo por grupos profissionais e amadores. Particularmente relevantes são também os documentos, depositados no Museu Nacional do

Teatro, relativos à autorização de representação e classificação de espectáculos associados ao Fundo de Teatro.

A informação que fui recolhendo — em diversas referências biográficas e em textos autobiográficos — apontava para a necessidade de relacionar a actividade de Redol como dramaturgo com as formas diversas de colaboração que manteve com o teatro em geral, o que, naturalmente, implicava (re)visitar aspectos vários da realidade histórica, política, social, cultural e artística do tempo em que viveu e escreveu. Apesar de ter sido um tempo de grande efervescência cultural, tem sido, todavia, pouco estudado pela historiografia teatral portuguesa, embora se registem algumas iniciativas de fôlego, como, entre as mais recentes, *O Espectáculo Desvirtuado: O Teatro Português sob o Reinado de Salazar* (2004)¹, de Graça dos Santos. Isto é, balizando o período da investigação entre as suas primeiras experiências como actor, no final dos anos 20, e a primeira montagem de *Forja* em Portugal, no último ano da década de 60, cujos primeiros ensaios ainda acompanhou mas a cuja estreia já não chegou a assistir, ser-me-ia possível referir, no plano nacional, todo o período do Estado Novo liderado por Salazar e, no plano internacional, mencionar alguns dos conflitos mais decisivos, como a Guerra Civil de Espanha, a Segunda Guerra Mundial ou a Guerra Fria, que assumiram um relevo importantíssimo no quadro ideológico que marcou o Neo-Realismo português. E essa delimitação temporal permitir-me-ia, sobretudo, conferir como a dramaturgia redoliana processou aqueles desenvolvimentos da História no plano temático e em que universos estéticos fundou o quadro referencial que subjaz às suas opções formais. É para algumas destas questões que este trabalho procura encontrar respostas.

Antes, porém, de avançar na explicitação do percurso realizado, não posso omitir o facto de que pesaram também — na

¹ A obra desta docente universitária foi primeiramente publicada em França, onde vive e está radicada; cf. Graça dos Santos, *Le Spectacle Dénaturé: Le Théâtre Portugais sous le Signe de Salazar (1933-1968)*, Paris, CNRS Éditions, 2002.

escolha do tema e nos contornos da inquirição — considerações pessoais ao lado das razões mais puramente intelectuais e académicas.

A motivação pessoal mais forte talvez radique na infância, nesse tempo de curiosidade e entusiasmo, em que tive oportunidade de presenciar serões de adultos, nos quais participaram alguns escritores neo-realistas. Cabia-me, por vezes, a elevada responsabilidade de transportar os copos das bebidas, entre a cozinha e a sala, e vice-versa, e era com a máxima discrição e algum sentido de mistério que cumpria tal tarefa. O ponto destes encontros era a casa dos meus tios Beatriz e Severiano — a quem Giovanni Ricciardi dedicaria a sua obra *Soeiro Pereira Gomes: Uma Biografia Literária* (2000) — e, apesar de terem decorrido já no pós-Abril de 1974, foi sempre a este ambiente, sobre o qual o imaginário infantil construiu uma tremenda atmosfera conspiradora, que continuei a associar as histórias da clandestinidade que me foram sendo posteriormente contadas e recontadas.

Logo que consegui ler com alguma fluência, *Histórias Breves de Escritores Ribatejanos*² foi o livro a que mais vezes regressei, não só porque um dos co-autores era aquele meu tio (a par, entre outros, de amigos como Júlio Graça), mas também porque, por essa razão, era especialmente estimado pela família e protegido das mãos ainda pouco experientes no folheio. Mais tarde, descrever-me-iam as peripécias do lançamento do livro, que a PIDE, sobretudo por causa da presença de Alves Redol, outro dos co-autores, não deixou que se realizasse na «papellaria dos Luíses», tendo acabado por concretizar-se a poucos metros, no «Restauração» do «Jaquim do Café», tudo gente e locais de Alhandra que ainda povoaram a minha infância.

Aos 11 anos, já depois da passagem fugaz pelo grupo céptico de uma localidade vizinha, que ainda mantém a actividade e que, por influência da peça de Redol, se designa «A For-

² Cf. AA. VV., *Histórias Breves de Escritores Ribatejanos*, Lisboa, Prelo, 1968.

ja», a voz afinada ao serviço de um coro da vila valeu-me o convite para integrar o elenco do grupo amador alhandrense. Este grupo aceitara a proposta da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira de montar um espectáculo a partir de adaptações do conto *Mais um Herói*³ e de um excerto do romance *Esteiros*, ambos de Soeiro Pereira Gomes, precisamente para assinalar o quadragésimo aniversário da publicação desta obra pioneira da literatura neo-realista. Distribuíram-me o Gaitinhas e, por «imperativos artísticos» levados muito a sério, aquele veio a ser o primeiro romance que, logo ao iniciar a adolescência, li integralmente e reli várias vezes, nele descobrindo «os filhos dos homens que nunca foram meninos»⁴, alguns dos quais eu conhecia directamente — e a estranheza que isso me causava! —, como o Gineto, que, para mim, já nessa altura, era o Baptista Pereira — nadador recordista da travessia do canal da Mancha, em 1954 —, que me ensinara a nadar nas piscinas do Alhandra Sporting Club. Estava-se em 1980, o espectáculo estreou no ano seguinte, e lembro particularmente o dia da estreia, quando Manuela Cândio Reis, a mulher de Soeiro Pereira Gomes, foi ao camarim oferecer-me gomas coloridas.

Mantive-me durante vinte anos nesse grupo de teatro, que ainda prossegue a sua actividade e se chama «Esteiros» por via do romance, cuja acção decorre naquela vila. Foi lá que, em 1994, participei na montagem de *Forja*, de Alves Redol, cabendo-me, no elenco, o filho João e, no âmbito de outras funções, a colaboração na dramaturgia e na organização do programa do espectáculo, tarefas que me conduziram ao conhecimento — e, nalguns casos, reencontro — de escritores neo-realistas e/ou estudiosos daquele movimento, como Arquimedes da Silva Santos, Garcez da Silva, Dias Lourenço, Júlio Graça, Urbano Tavares Rodrigues (que, por razões pessoais, acabou por não poder escrever um texto para o programa) e Luís Augusto da Costa Dias.

³ Cf. Soeiro Pereira Gomes, *Contos Vermelhos*, s. I., Edições do Movimento da Juventude Trabalhadora, 1974, pp. 11-15.

⁴ Soeiro Pereira Gomes, *Esteiros*, Lisboa, Sirius, 1941, p. 7.

ÍNDICE

Breve nota prefacial, <i>por</i> MARIA HELENA SERÓDIO	7
Agradecimentos	15
Notas prévias	17
Abreviaturas e siglas usadas	19
INTRODUÇÃO	23
1. PARA A IDENTIFICAÇÃO DE UM TEATRO NEO-REALISTA	49
1. Da ideologia à estética	51
2. Da arte à reacção	69
3. Dos periódicos à cena	95
2. FORMAS DE COMPROMISSO DE REDOL	129
1. A revalorização da cultura popular	130
1.1. A redefinição dos conceitos	130
1.2. A acção contracorrente	140
1.3. As funções políticas da cultura	153
2. Modalidades de participação no teatro	160
2.1. O actor: um percurso semeado no palco	162
2.2. O encenador: instinto e necessidade	178
2.3. O dramaturgo: à porta da sublimidade	190

3. UMA CRONOLOGIA PARA A SUA DRAMATURGIA	217
1. Textos dramáticos publicados e representados	218
2. Textos dramáticos não publicados mas representados	231
3. Inéditos completos, incompletos e esboços	236
4. EM DIÁLOGO COM A TEORIA E A PRÁTICA TEATRAIS DE OUTROS	253
1. O quadro de Gorki: a opção por um Realismo	255
2. A parede de Antoine: a atracção pela cena naturalista	268
3. A lanterna de Saviotti: a vivência do colectivo	275
4. A luz de Piscator: a <i>renascença</i> do popular	294
5. O <i>espelho</i> de Brecht: o reconhecimento de outro Realismo	330
6. A garrafa de Strindberg: o triunfo da pluralidade estética	349
5. O UNIVERSO DRAMÁTICO E TEATRAL DE REDOL	369
1. Formas e temáticas para o <i>Realismo</i>	370
1.1. O ciclo do trágico	375
1.2. O caminho da clarividência	402
2. O texto entre dois trapézios	423
3. A intertextualidade como desafio	446
4. O espaço (tendencialmente) referencial e múltiplo	472
5. O tempo (preferencialmente) histórico e descontínuo	502
5.1. O tempo vivido	503
5.2. O tempo construído	531
6. A <i>trindade básica</i> e eu nos retratos das personagens	561
CONCLUSÃO	609

*

Alves Redol em teatro: síntese cronológica	633
Alves Redol em teatro: bibliografia seleccionada	637
1. Bibliografia primária	637
1.1. Peças publicadas	637

1.1.1. Textos integrais	637
1.1.2. Excertos	639
1.2. Peças inéditas	640
1.3. Textos críticos	641
1.4. Documentos	645
1.4.1. Entrevistas	645
1.4.2. Correspondência	647
1.4.3. Documentos diversos	648
2. Bibliografia crítica	650
2.1. Monografias	650
2.2. Capítulos ou partes de livros	651
2.3. Breves anotações em livros de referência	656
2.4. Artigos de periódicos	665
2.5. Documentos diversos	683
2.5.1. Correspondência para Redol	683
2.5.2. Processo relativo à censura de peça de Redol	684
2.5.3. Processos relativos à censura de espectáculos a partir de peças de Redol	685
2.5.4. Documentos audiovisuais editados	690
2.5.5. Depoimentos não publicados	690
3. Teatrografia	692
3.1. Espectáculos a partir de peças de Redol	692
*	
Índice das ilustrações	697
Índice onomástico remissivo	699